Senta que lá vem história! Infância, ambientes virtuais e programas infantis contemporâneos

Here Comes a Story! Childhood, Virtual Environments, and Contemporary Children's Television Programs

¡Siéntate, que ahí viene una historia! Infancia, entornos virtuales y programas infantiles contemporáneos

STAUDT, Jeferson[1]; SCHWAAB, Jhenifer[2]; HÜLSE, Lais Emanuele[3]; KLEIN, Juliana Albertina.

RESUMO

O presente trabalho foi construído a partir de reflexões compartilhadas sobre os programas infantis atuais e programas infantis da época de infância dos autores deste trabalho, em que se pode notar distinções entre as produções de decênios passados e atuais, assim como em seus objetivos. A constituição da subjetividade infantil a partir da perspectiva fenomenológico-existencial compreende que a criança não nasce com uma personalidade, identidade ou essência já determinada, pelo contrário, ela é um ser em construção, que se constitui continuamente por meio das experiências que vive e das relações que estabelece com o mundo, com os outros e consigo mesma, no atual contexto, o qual se apresenta por perpassado por ambientes virtuais na contemporaneidade, sendo assim outro aspecto analisado pela pesquisa.

[1]Jeferson Staudt Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Jeferson.staudt@edu.unipar.br;

[2]Jhenifer Schwaab Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR, jhenifer.o@edu.unipar.br;

[3]Lais Emanuele Hülse Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, lais.hulse@edu.unipar.br;

[4]Juliana Albertina Klein Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR, julianaklein@prof.unipar.br.

Palavras-chave: Infância; programas infantis; existencialismo; ambientes virtuais.

ABSTRACT

The present work was built from shared reflections on current children's shows and shows from the childhood of the authors of this work, in which distinctions can be noted between the productions of past decades and the current ones, as well as in their respective objectives. The constitution of child subjectivity from the phenomenological-existential perspective understands that the child is not born with a personality, identity or essence already determined, on the contrary, he is a being under construction, which is continuously constituted through the experiences it lives and the relationships it establishes with the world, with others and with itself, in the current context, which is permeated by virtual environments in contemporary times, thus being another aspect analyzed by the research.

Keywords: Childhood, children's shows, existentialism, virtual environments.

RESUMEN

La obra actual se construyó a partir de reflexiones compartidas sobre programas infantiles actuales y dibujos de la infancia de los autores de esta obra, en los que se pueden observar distinciones entre las producciones de décadas pasadas y actuales, así como en sus objetivos. La constitución de la subjetividad infantil desde la perspectiva fenomenológica-existencial entiende que el niño no nace con personalidad, identidad o esencia ya determinada, al contrario, es un ser en construcción, que se constituye continuamente a través de las experiencias que vive y las relaciones que establece con el mundo, con otros y consigo misma, en el contexto actual, que está

permeado por entornos virtuales en la contemporaneidad, siendo así otro aspecto analizado por la investigación.
Palabras clave: infancia; programas infantiles; existencialismo; entornos virtuales.

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de reflexões compartilhadas sobre os programas infantis atuais e programas da época de infância dos autores deste trabalho (situadas nos anos 2000 e 2010) em que percebe-se diferenças entre as produções de décadas passadas e as atuais, bem como, em seus respectivos propósitos. Neste trabalho uma das principais referências trazidas como exemplo, é o seriado infantil *Castelo Rá-Tim-Bum,* lançado em 1994 e exibido originalmente na TV Cultura de São Paulo até 1997, sendo reprisado no canal até os dias de hoje, cuja estrutura é tecida pelo reencontro da intenção pedagógica com matrizes culturais, formatos industriais, padrões comerciais do período. Na história, o real se mistura com a fantasia, e com o grupo de amigos que frequenta o castelo, existe uma criança de 300 anos, gato, cobra, um par de botas que fala, bruxa, fadas. A fantasia atende às solicitações centradas no aprender, ainda não tão vinculada à estética do consumo. Este modelo de entretenimento infantil organiza-se e pode ser caracterizado como um entretenimento educativo. (Carneiro, 1999).

Além disso, o programa também conta com especialistas em diversas áreas do conhecimento: história universal, ciências, matemática e ecologia. A maior especialista, uma feiticeira de 6 mil anos, mantém relações de proximidade e contemporaneidade com personagens históricos (Carneiro, 1999), seguindo o propósito de unir o viés educativo com o fantasioso. Diante dessa análise, levanta-se o seguinte questionamento: como os programas infantis influenciam na subjetivação do ser infantil? E principalmente a urgência de se pensar nas estruturas que modelam, revelam e perpassam a vivência das infâncias.

Como afirma Tokuo, Dutra e Rebouças:

> As interações sociais virtuais são uma realidade na cotidianidade das pessoas contemporâneas e cada vez mais vem causando grandes transformações nos modos como nos relacionamos com os outros e com o mundo. Diante disso, surgem questionamentos dos mais variados, entre os quais: Que fenômeno é este, o da virtualidade? Quais os impactos para as nossas vidas? E para as gerações futuras? Em meio às dúvidas crescentes sobre o andar das evoluções tecnológicas e suas relações cada vez mais próximas do homem, as novas gerações nascem e evoluem junto destas tecnologias, se adaptando e desenvolvendo em um cenário com mais questionamentos do que respostas.(TOKUO, DUTRA e REBOUÇAS, 2018, p72)

Este trabalho tem como objetivo compreender os cenários de possibilidades das infâncias na atual cultura ocidental em meio a imersão nas tecnologias, em um momento em que os acessos se modificaram, tornando-se as telas mediadores dos conteúdos para as crianças, desde programas infantis e aplicativos em ambientes virtuais (tornando-se mais constante), sob a ótica da perspectiva fenomenológica existencial, compreender o fenômeno da infância, tendo a criança propriamente dita como ser-no-mundo, fugindo da cristalização "adultocêntrica" e rompendo com a visão resumidamente biológica, permitindo entender a criança como indivíduo em constante movimento e detentor de sua liberdade, que de seu modo experimenta seus cenários e se expressa, pois como cita Machado (2007):

> Como percebemos que sente a criança na pele, como ouve, como enxerga, como cheira, como tateia, como experimenta com a boca, como balbucia, como fala ou silencia? Na busca do "como" e menos do "porque" reside a compreensão fenomenológica: na chave não-explicativa (MACHADO, 2007, p.71).

Deste modo, surge a disposição para analisar esse fenômeno não como imutável e permanente, mas como processo cercado de um novo estilo de vida em uma constante transformação e expansão para futuro incerto não apenas como possibilidade, mas como facticidade, ao passo que influenciamos o surgimento da tecnologia e ela surge e influencia o nosso ser.

Para que seja possível identificar e analisar as relações entre o ser criança contemporâneo e os programas infantis , o presente artigo vai se dividir entre três principais tópicos, que segundo

Lakatos e Marconi (2010, p.30) a divisão se faz necessária “para se ter um sentido completo, proceder à sua leitura integral com o objetivo de obter uma visão do todo” iniciando na busca e definição de qual concepção de infância é utilizada durante a pesquisa, bem como a infância é atravessada por questões culturais de forma geral, e, em seguida, será realizada uma diferenciação entre os programas infantis atuais expostos as crianças em relação aos programas expostos aos autores deste artigo durante o período de suas infâncias.

METODOLOGIA

Para a confecção do seguinte artigo e do tema proposto por ele, foi necessário utilizar-se do método científico, definido por Lakatos e Marconi (2010) como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo de produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (p. 83).

Tendo a seguinte concepção em vista, o presente estudo se baseou na abordagem qualitativa de pesquisa de caráter teórico, visando analisar as relações entre o Ser criança contemporânea e os elementos audiovisuais infantis nos atuais ambientes virtuais, principalmente no que se refere a programas infantis animados atuais, e de contraponto evidenciando as potencialidades dos programas infantis produzidos durante as décadas de 1990/2000 pela TV Cultura de São Paulo.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a bibliográfica, onde as informações usadas no artigo foram retiradas a partir de um levantamento bibliográfico de livros, artigos, revistas e produções audiovisuais voltadas ao público infantil e sobre os programas infantis e programas infantis, não sendo uma “mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (Lakatos e Marconi, 2010, p. 183).

FENÔMENO INFÂNCIA: OS ATRAVESSAMENTOS DA CULTURA NA CONSTRUÇÃO DO SER CRIANÇA

A infância dentro de um viés técnico é entendida como uma fase em que mesmo com variações sociais e culturais, o sujeito criança refere-se a uma faixa etária específica, que, no caso do Brasil, compreende o período de zero a doze anos incompletos (Brasil, 1990). Dentro de um viés histórico, a concepção de infância entendida na sociedade contemporânea Ocidental vem do início do séc. XVIII de países da Europa Ocidental, junto de um novo modelo de família também, sendo que anteriormente "não havia uma diferença clara entre o mundo adulto e o mundo infantil, nem mesmo em relação à vestimenta e à vida social" (Lazzarotto *et al*, 2021, p. 07). Conforme explica novamente Lazzarotto *et al* (2021):

> Com o desenvolvimento do capitalismo e das novas exigências sociais, um novo modelo de família e de vida privada foi instituído. Por extensão, ocorreram mudanças no relacionamento entre pais e filhos, e a criança passou a ocupar um lugar central na dinâmica familiar. Logo, sua educação foi mais valorizada. Nesse contexto, a institucionalização da criança surge na Europa, principalmente na Inglaterra, no período industrial, com o estabelecimento das classes sociais e a emergência da família moderna (LAZZAROTTO *et al,* 2021 ,p.08).

Dessa forma, ao atravessar fronteiras e continentes, o fenômeno infância, o ser infantil e as suas fases que são conhecidas hoje acabou por se tornar universal e, consequentemente, naturalizada por organizações e autoridades internacionais. Entretanto, é de suma importância compreender "que cada realidade social, econômica, geográfica e cultural oferece diferentes campos para uma criança crescer, o que faz com que as crianças tenham vivências muito díspares e múltiplas que ferem a lógica das etapas universais de desenvolvimento" (Pretto, 2013, p. 623).

Ao fazer essa compreensão, entende-se que "o mundo no qual a "criança deveria ser" ou "ter" é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes sobrevive" (Del Priori, 1999, p. 8 apud Pretto, 2013, p. 623), e com o entendimento de que essas convicções entendidas como

naturalizadas e universais sobre a vida do sujeito infantil são singulares da vivência de cada ser, faz-se importante considerar “o ser criança/adolescente a partir de uma perspectiva suspensa de qualquer julgamento, estereótipo, manuais diagnósticos, teoria do desenvolvimento ou que descreva esse público dentro de visão naturalizante, patologizante ou marcado por períodos” (Freire *et al*, 2023, p.115).

A partir do pensamento do filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), dentro do viés fenomenológico-existencial, considera-se que “desde muito cedo, a criança já vive suas possibilidades de ser a partir dos grupos de que faz parte, em especial a família” (Pretto, 2013, p. 624), sendo sua primeira realidade experienciada, na qual a criança passa pelo movimento em que a universalidade é vivida na sua particularidade e, dessa forma, é produto e também produtora da realidade que é a sua família (Pretto, 2013, p. 624). Dessa forma, “a tomada de consciência de si, do outro e do mundo do homem existencialista é a ação necessária para transformá-lo — com vistas a construir novas estruturas, por meio da ação subjetiva”(Guimarães, 2022, p.224), indicando o sujeito como Ser-no-mundo.

Feijoo (2011) utiliza filósofos existenciais como Kierkegaard, Heidegger e Sartre para analisar que a existência humana se caracteriza, desde o nascimento pela abertura, pela indeterminação e pela incompletude constitutiva. A criança não nasce portadora de uma essência fixa, mas lançada ao mundo, cuja constituição ocorre por meio de um processo contínuo de construção de si diante das possibilidades e determinações que lhe são apresentadas, sua incompletude não representa insuficiência, mas a própria condição ontológica que possibilita liberdade, escolha e produção de sentido. Assim, a constituição subjetiva infantil resulta da apropriação singular das experiências vividas, sempre em diálogo com as circunstâncias concretas que a cercam sendo essencialmente relacional, pois o ser-no-mundo se realiza no interior de uma trama coletiva de vínculos familiares, sociais e culturais. Desse modo, a infância é concebida

como expressão simultânea do singular e do universal, evidenciando a indissociável articulação entre subjetividade individual e mundo compartilhado.

Essa concepção do projeto, ou "projeto original" é para Sartre, de acordo com Bocca, Silva e Schneider (2020), a ideia de que a pessoa é uma totalidade e que cada uma de suas escolhas. Deve ser considerada como expressão integral da pessoa em questão, indicando sempre e necessariamente um sentido transcendente. Nessa perspectiva é que se constrói a sua proposta de investigação psicológica: a de chegar a uma unificação irredutível do sujeito, ao seu projeto de ser. Isso permite ir além da simples associação de abstrações combinadas e agrupadas por determinismos causais, possibilitando a compreensão (hermenêutica) dos diversos aspectos do psiquismo do sujeito e o seu movimento no mundo. Sendo assim, o método progressivo-regressivo busca compreender a pessoa a partir de sua existência concreta, considerando sua história singular e a forma como ela está situada no mundo e no tempo. Realizando um movimento de regressão, voltando à trajetória passada do sujeito para identificar a origem de seu modo de ser, isto é, como foram construídas as experiências, relações e significados que influenciaram sua forma atual de existir. Em seguida avançando, para compreender as sínteses que a pessoa realizou ao longo de sua vida, analisando como ela articulou suas experiências e estabeleceu relações com o mundo objetivo (o prático-inerte) e com outras consciências, para dessa forma, compreender a construção da subjetividade. Como apresentam Bocca, Silva e Schneider:

> A perspectiva sartriana, em suas duas abordagens metodológicas, respectivamente, a psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo, é sóciohistórica e dialética. Ambas os métodos convergem para o fato de que Sartre concebe o homem como um ser situado em um contexto social. Parece-nos evidente que Sartre, quando objetivou desenvolver um método que possibilitasse a investigação do homem como ser-no-mundo, um ser-em-situação, um universal/singular, tinha, em seu arcabouço teórico-metodológico, uma investigação hermenêutica fenomenológica. (Bocca, Silva e Schneider 2020, p.35)

A criança, através do brincar, elucida e amplia sua própria biografia, apresentando aquilo

que foi por ela apropriado, permitindo não só a compreensão de sua vivência, mas de seus movimentos no mundo, para com suas escolhas e caminhos futuros. Ao levarmos em consideração a apropriação singular que a criança faz através do universal que a ela é apresentado, compreendemos como o desenho, enquanto aspecto universal se apresenta como constante nas infâncias atuais.

INFLUÊNCIA DO DESENHO: CONSTITUIÇÃO DO SER PERPASSADA PELO CONTEXTO DOS PROGRAMAS INFANTIS

Para Andrade *et al.* (2012), produtos cinematográficos como filmes e programas infantis vão além do entretenimento, pois funcionam como ferramentas que transmitem valores, ideias e visões de mundo para o público. Por meio de suas narrativas eles apresentam questões sociais, fazendo com que o espectador perceba aquilo que vê como algo verdadeiro e confiável. Dessa forma, as produções audiovisuais exercem forte influência na construção de percepções, comportamentos e referências. Pode-se observar o desenho animado, o qual desde os anos 80, na cultura ocidental, se tornara uma forma de mercadoria: a cultura televisiva tinha em grande notoriedade a programação infantil, o que incentivou o surgimento de produtoras de animação e de novos personagens que deram um caráter cultural e economicamente mais heterogêneo à oferta desse conteúdo.

Com as transformações mundiais, os programas infantis foram mudando e estabelecendo o seu lugar na vida dos telespectadores, principalmente crianças, de acordo com o que lhe era acordado em cada período, e isso foi diferente no Brasil. Por exemplo, nos início dos anos 2000, como cita Holzbach (2018), O Brasil assumiu um papel de importador de programas infantis estrangeiros, os quais em sua maioria são parte de produções da Walt disney e Hanna-Barbera, portanto, teve uma reprodução tímida de programas infantis , no

sentido em que não mediou a cultura a partir de produções brasileiras, mas sim importou mediadores aos telespectadores brasileiros.

Dessa forma, ao considerarmos o ambiente brasileiro e latino americano, " contexto histórico da televisão em nosso país consolida-se enquanto aspecto nodal para a compreensão da maneira com que os programas infantis de hoje se inserem em nosso imaginário". (Odinino, p.127, 2009). Ou seja, ainda segundo Odinino:

> Num país no qual a coerência de sua identidade nacional, sua inteligibilidade, sua arte e seu lazer são decisivamente atravessados pelas narrativas midiáticas no cotidiano de seus habitantes, houve um ambiente absolutamente favorável para a consolidação de um imaginário orientado para uma lógica por meio da qual espectadoras e espectadores são encarados como potenciais consumidores/as. (Odinino 2009, p.128)

No quesito produção identitária brasileira para as crianças do território, essa sofreu forte influência de produções importadas, portanto, culturas e aspectos mediadores diferentes e por vezes afastados do contexto brasileiro. Foi a partir dessa premissa que a TV Cultura de São Paulo se propôs estruturar a produção de seus programas infantis durante as décadas de 1990 e 2000.

Fundada em setembro de 1960, a TV Cultura surgiu com um conceito baseado em referências mundiais de emissoras de sucesso, como a BBC britânica. Originalmente, pertenceu aos Diários Associados do jornalista Assis Chateaubriand, fundador da TV Tupi em 1950, mas foi posteriormente adquirida e estimulada pelo Governo do Estado de São Paulo. Para a viabilização da nova emissora, o governo criou, em 26 de setembro de 1967, a Fundação Padre Anchieta-Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativas, com dotação do Estado e autonomia administrativa (Rocha e Silva, 2011), sendo o exemplo mais evidente de "TV educativa" no Brasil, ao seguir os modelos de TV pública.

Entretanto, a fase do entretenimento educativo infantil e da aproximação do que era de fato considerado uma TV pública (ao molde norte-americano) surge no canal apenas em

1986, na gestão do jornalista Roberto Muylaert, após um incêndio que assolou os estúdios da emissora. Além dessa transformação, Muylaert também queria desassociar a imagem da emissora do poder público estadual, devido a subordinação financeira que possuíam perante o órgão público. Assim,

> É a partir desse momento que a programação da TV Cultura sofre alterações que a deixam mais informativa e menos educativa. O público infanto-juvenil se torna o foco principal da emissora, que agora veicula também séries produzidas no Brasil e no exterior, lança programas novos e permite que outras TVs educativas retransmitam a sua programação, passando, inclusive, a transmitir via satélite para todo o país (ROCHA E SILVA, 2011, p 11).

As atrações infantis da TV Cultura conquistaram inúmeros recordes de audiência no início dos anos 1990. Segundo Leal Filho (2009), são programas que podem ser considerados clássicos da televisão brasileira, como Rá-Tim-Bum, X-Tudo, Glub-Glub e Mundo da Lua. Além do premiado Confissões de Adolescente, para o público juvenil.

Outro programa infantil de enorme importância da emissora é o Rá-Tim-Bum, de 1990. Antecessor do Castelo Rá-Tim-Bum, trazia a mesma lógica de outros shows infantis da emissora de integrar o lúdico com a aprendizagem, e que dessa forma colaborou para "o desenvolvimento social complementando o que se aprendia na escola e no ambiente familiar" (Silva, 2018). O programa trouxe um ar original e imaginativo para o canal mediante personagens como o Professor Tibúrcio, que lecionava sobre uma diversidade de temas para a sua classe, e a Esfinge, que desafiava seus telespectadores por meio de enigmas e perguntas. Com isso, buscou-se potencializar a capacidade da criança de aprender sem fazer desse processo um momento exclusivamente escolar, que se tornasse maçante e entediante, e dessa forma construir espaços em que fantasia e brincadeira se tornaram fonte de saber (Silva, 2018).

Portanto, nota-se o objetivo em comum entre tais programas: o desenvolvimento das habilidades infantis, através de uma perspectiva educacional e recreativa, revolucionando o

audiovisual infanto-juvenil e trazendo experiências de desenvolvimento social para as crianças dos anos 1990 e 2000. Dessa maneira, considerar-se como os programas da TV Cultura influenciaram o crescimento e o desenvolvimento das crianças das décadas de 1990, 2000 e 2010.

Precisa-se reforçar o quanto após este período as transformações tecnológicas ocorridas, ampliaram significativamente a presença das telas no cotidiano das pessoas, atualmente dispositivos móveis e portáteis, como celulares, tablets e smartphones passaram a integrar as atividades diárias de pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais e faixas etárias (Nobre *et al.,* 2021). Já Odinino (2009) destaca a influência da televisão:

> "A televisão tem se consolidado como o mais influente meio técnico para a disseminação de conteúdos, informações e para a divulgação do contexto dos desenhos animados para o universo cotidiano de seus públicos, ainda que a internet estivesse ganhando terreno e com a possibilidade de suplantá-la nos anos futuros". (ODININO, 2009, p 128)

Através desse meio, outras indústrias também passaram a lançar produtos no mercado, o que mais tarde se consolidou numa parceria entre produtores, publicitários e indústrias. Tanto os comerciais quanto os próprios programas são utilizados para movimentar uma ampla cadeia de marketing. Seu uso no cotidiano, associado ao contexto social, é o que ajuda a dar formas e sentidos tanto aos rituais sociais quanto às identidades dos grupos. O que altera a recepção dos conteúdos midiáticos mundializados não é o conteúdo propriamente dito, mas o que é feito deles dentre as demais mediações.

Ambos os autores convergem quanto ao nível de influência da televisão e sua evolução mediada pela internet, e a característica das infâncias cada vez mais atravessadas pelo acesso aos ambientes virtuais, sejam elas a própria televisão, que agora passa a ser uma smart tv, que viabiliza seu acesso a conteúdos antes só disponíveis pelos dispositivos móveis como por exemplo os canais de streamings e o YouTube, ou os próprios dispositivos móveis como celulares, tablets, computadores, etc, tendo em vista que, no final dos anos 2000 já se

tinha acesso a redes e sites, todavia, em uma escala bem menor. Como informa Ferreira *et al.* (2025):

> O acesso à internet cresce a cada dia: em 2019, três em cada quatro brasileiros tinham acesso, o que equivale a 134 milhões de pessoas conectadas (CETIC,2022). As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são um importante meio de disseminar informações, que podem ser utilizadas por todos os segmentos sociais.(FERREIRA *et al.*, 2025 p3)

Para Melo e Pizzol (2025) atualmente, as crianças da Geração Alpha, nascidas a partir de 2010, já crescem em contato intenso com as tecnologias, desenvolvendo desde cedo familiaridade com celulares, tablets e outras ferramentas. Além disso, o surgimento da Geração Beta, formada pelos nascidos a partir de 2025 estará ainda mais inserida em um contexto digital marcado pela presença constante de inteligência artificial, realidade aumentada e dispositivos inteligentes no cotidiano. Nesse cenário, os programas infantis e outros conteúdos midiáticos exercem forte influência no desenvolvimento infantil, pois estão amplamente associados ao uso dessas tecnologias. Embora o acesso digital não seja igual para todas as crianças, muitas estabelecem vínculos intensos com personagens fictícios, reproduzindo comportamentos, falas e atitudes que podem interferir na construção de sua identidade, evidenciando o impacto da mídia no processo de formação subjetiva infantil.

Dessa forma os ambientes virtuais como dispositivos de informação, entretenimento e lazer, podem assumir parte da constituição do ser, “aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto” (Han, 2018, p.7), e isso a nível de desenvolvimento de gerações recentes que nasceram sob o berço metálico e elétrico, pode influenciar a constituição singular do ser, já que a dimensão universal se apresenta virtualizado e globalizado.

Desse modo, atualmente os programas infantis são atravessados e distribuídos por meio dos ambientes virtuais, gerando dessa forma um novo modo universal de acesso das

crianças aos programas infantis animados. Levando assim em consideração de que as crianças como ser no mundo se apropriam “através de consciências não posicionais de si, de primeiro grau, pré-reflexivas e irrefletidas” (Sartre, 1994 *apud* Pretto, 2022 p107), por esse motivo faz-se a necessidade do próximo tópico da pesquisa que irá tratar acerca de como o ambiente virtual pode influenciar a constituição do ser criança, bem como é possível mediar essa relação universal/singular da criança.

OS AMBIENTES VIRTUAIS NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Ao apresentar um aspecto acerca do que são os ambientes virtuais, McLuhan em 1969 já indicava uma percepção do que seriam eles na cultura contemporânea, os quais se constituem como um “efeito narcótico e de entorpecimento [...] efeito que reduz a atenção enquanto a nova forma força os portões do julgamento e da percepção” (MCLUHAN 1969, p. 82), e a partir desse efeito desenvolvem o modo como o ser se constitui dentro da sociedade, ampliando ou acelerando percepções e processos sociais, culturais, históricos e políticos.

Ambientes virtuais a partir desse processo vão assumir um papel de mediação que “corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situacional, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico” (BRAGA 2012, p.32). Ou seja, o ambiente virtual trará sim informações relevantes para constituir a opinião ou um sujeito, porém sempre será um mediador, aquilo que atravessa o concreto e se transfigura numa tentativa de ser ele, onde busca se tornar a realidade.

Já as telas, configuram-se como as janelas dessa mediação pois é por meio dela que será transmitida a informação mascarada ou escancarada do real, que traduz o real, portanto, segundo Byung Chul Han em *Hiperculturalidade: cultura e globalização,* “como uma espécie de janela, a

tela opera não apenas revelando, mas também protegendo" (2019, p. 50), ou seja, ela se torna uma ferramenta de observação da realidade sem que precise viver de fato ela.

Partindo do pressuposto de um terceiro elemento, o ambiente digital, encontrado como fator que atualmente na contemporaneidade, auxilia na influência do desenho sobre a construção do Ser criança.

A relação entre infância e mídia para Andrade *et al* (2012) é de difícil mensuração, não sendo compreendida de maneira homogênea ou determinista, uma vez que o acesso e a apropriação dos conteúdos midiáticos são atravessados por diferentes fatores sociais e culturais. Embora a televisão permaneça como um dos principais meios de comunicação consumidos pelas crianças, especialmente em contextos onde é amplamente difundida, a recepção das mensagens não ocorre de forma passiva, mesmo diante de um ideal de infância difundido pelos meios de comunicação e ambientes virtuais, que tende à padronização de comportamentos, valores e modos de ser, as realidades sociais específicas produzem diferentes formas de recepção e construção de sentidos. Assim, a comunicação deve ser entendida como um processo no qual a criança ocupa uma posição ativa na produção de significados, articulando os discursos midiáticos às particularidades de seu contexto de vida.

Em "*Impasses na constituição do sujeito causados pelas tecnologias digitais*" (2020), Mendes argumenta que as mudanças ocorridas nas configurações e rotinas familiares têm reduzido o tempo de convivência entre pais e filhos. Como consequência, as crianças passam períodos cada vez maiores utilizando televisões, celulares e jogos eletrônicos e essa intensa presença das tecnologias no cotidiano infantil faz com que esses dispositivos assumam funções que anteriormente eram desempenhadas pelos pais, influenciando os processos de desenvolvimento e socialização da casa. Nesse contexto, as interações mediadas pelas telas tendem a ocupar um espaço central na vida das crianças, levando a uma substituição gradual das

relações familiares presenciais por vínculos estabelecidos no ambiente virtual. Segundo Sarno (2022), os ambientes virtuais configuram-se como espaços que promovem novas formas de interação e pertencimento social, exercendo papel relevante na constituição das experiências contemporâneas. Dessa maneira, não se pode ignorar sua influência sobre os processos pelos quais as crianças atribuem significações de si e do mundo. Isso não significa dizer que as tecnologias e a mídia em si produzem subjetividade, mas que compõem o conjunto de condições de possibilidade para a criança ser. (Tomaz, 2016 p283)

Para Odinino e Souza (2020), a relação entre o imaginário e os ambientes virtuais é profundamente articulada, uma vez que as mídias possibilitam a construção e a circulação de imaginários compartilhados em escala global. Por meio de suas narrativas, esses espaços difundem valores, representações e modelos culturais hegemônicos, influenciando a forma como os indivíduos interpretam a realidade. Nesse processo, o imaginário é constantemente produzido e reformulado, contribuindo para a ressignificação de elementos culturais e para a disseminação de determinadas concepções de mundo. A indústria cultural em sua maioria tem fortalecido a padronização do imaginário infantil por meio de narrativas estruturadas em fórmulas recorrentes, personagens estereotipados e conteúdos fortemente vinculados ao consumo. Sem uma análise crítica dessas dinâmicas, corre-se o risco de consolidar no universo das crianças, representações que reproduzem relações de dominação, homogeneização cultural e naturalização das desigualdades presentes na organização social.

Assim sendo, Silva (2022) afirma que “um indivíduo só pode se conhecer não voltado para si mesmo ou em atitude ingênua, mas pelo esforço por existir e desejo de ser no espelho de seus objetos e de suas obras”. Logo o sujeito é coautor de sua biografia, já que o mesmo possui autonomia nas escolhas a ele concernentes, enquanto sua biografia continua sendo também

produzida por outros atores sociais, situado em um contexto histórico, determinado e determinante.

Segundo Pedro Gilberto Gomes (2008) *apud* Gasparetto (2013), a sociedade contemporânea vivencia o surgimento de uma nova forma de existência marcada pela midiatização. Nessa perspectiva, a noção de mediação já não é suficiente para compreender as transformações atuais, pois os meios de comunicação passam a integrar profundamente as dinâmicas sociais e culturais, uma vez que promovem processos mais complexos de integração e interação em escala mundial. Esse fenômeno, denominado "glo(tri)balização", evidencia novas formas de conexão entre indivíduos, grupos e culturas, apontando para a construção de uma visão mais articulada da sociedade. Assim, a midiatização configura um novo modo de estar no mundo, no qual as relações sociais são reorganizadas a partir das lógicas comunicacionais que permeiam a vida contemporânea.

Assim as possibilidades de constituições singulares do Ser criança a partir de uma cultura em que está inserida, mediadas pelo contexto dos ambientes virtuais são atravessados pela globalização, que Byung-Chul Han (2019) explícita sobre o aspecto da globalização ser um ambiente que, ao mesmo tempo, se faz diverso e produz dialetos, ou seja, formas de comunicação que são restritas ao mundo virtual; essa globalização se traduz na universalidade do Ser, compreendendo que as culturas se diluem entre si, e/ou se transmitem com mais amplitude através das tecnologias, e a partir desta afirmativa as inúmeras singularidades na infância se constituem a partir de um aglomerado de conteúdos virtuais, sejam infantis ou não, que podem ou não ampliar as possibilidades de Ser desses sujeitos, por isso o enfoque principal nos programas infantis animados, que se constituem como ferramentas direcionadas para a infância, que possibilitam a essa infância as significações do seu ser no mundo.

Visto que todo Ser atribui-se singularmente do universal que o perpassa, singularidade essa que corresponde “a diferença entre os “comuns” e a ideia ou a atitude concreta da pessoa estudada, seu enriquecimento, seu tipo de concretização, seus desvios etc.” (Sartre, 2002 p.105-106), portanto, é ela que irá evidenciar as diversas possibilidades e potencialidades que diferem do outro. Porém, ao olhar para os programas infantis na contemporaneidade, entende-se que o modo como eles são distribuídos atualmente evocam a necessidade de moldarmos as mediações e o modo como as crianças entram em contato com os mesmos, visto que o acesso se dá de maneira mais facilitada por meio dos ambientes virtuais. que é uma ferramenta universal presente na vivência do mundo infantil, que influencia a constituição do Ser. Se faz necessária uma análise de como e porque ocorre de determinada forma a confecção de programas infantis para o público infantil.

Para que essa mediação favoreça a constituição de Ser da criança, recentemente houve a criação do estatuto da criança e do adolescente digital (BRASIL, 2025), o qual fortalece a afirmação para que se torne possível uma superação da influência digital na massificação subjetiva do Ser criança. A mediação e compreensão dos responsáveis legais da criança é de suma importância, onde a “criança e o adolescente têm o direito de ser educados, orientados e acompanhados por seus pais ou responsáveis legais quanto ao uso da internet e à sua experiência digital” (BRASIL, 2025). Portanto, a partir de uma análise sobre a importância da verificação e avaliação da qualidade dos conteúdos em que a criança consome, os responsáveis podem assim não abandonar os recursos digitais, mas utilizá-los intencionalmente como ferramenta para ampliar os modos de subjetivação de suas crianças.

Dessa forma, compreende-se que a TV Cultura de São Paulo se constituiu enquanto uma resistência frente aos demais canais de televisão atuais, trazendo uma nova forma de fazer programas infantis, a partir de um cunho educativo e voltado para as crianças brasileiras.

Entretanto, é preciso entender que nas estruturas contemporâneas da formação do ser criança e das redes de televisão em relação aos atuais programas infantis, a TV Cultura não deve ser vista como o único reduto de programas que possuam esse mesmo propósito.

São exemplos os programas infantis *"O show da Luna",* de 2014, em que a personagem Luna, de seis anos, junto do seu irmão Júpiter e seu furão Cláudio desvenda vários fenômenos a partir da ciência, sendo um dos principais objetivos do desenho introduzir conceitos científicos de forma simples e divertida (Silva, 2025); e "*Ada Batista, cientista",* de 2021, em que a personagem principal, Ada Marie, é uma cientista que inspira o público infantil a empregar ciência e diversão para resolver problemas (Andrade e Porto, 2024), tendo a matemática Ada Lovelace (1815–1852) e a química Marie Curie (1867–1934) como suas maiores influências. Além disso, observa-se que os episódios que iniciam com as crianças ao ar livre, em contato com a natureza, ou em casa, (…). Nestes ambientes, surgem os problemas que serão resolvidos ao longo do episódio, sendo detectados quando as crianças desenvolvem a observação (Andrade e Porto, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da subjetividade parte das relações estabelecidas com o mundo, e na contemporaneidade traz de forma inegável em seu contexto a inserção das tecnologias e principalmente de conteúdos midiáticos. A infância é especialmente atravessada pelos ambientes virtuais, programas infantis que fazem parte do fazer-se criança na contemporaneidade. Os conteúdos destinados ao público infantil, ao transmitirem valores, narrativas e modelos de comportamento, exercem influência significativa na forma como a criança absorve a realidade e constrói sua identidade. Este trabalho nos conduziu à reflexão acerca da responsabilidade e proteção do adulto para com a criança enquanto um dever, incluindo cuidadores, profissionais da educação, da assistência social, da saúde e principalmente os profissionais da psicologia, no que

se refere à imersão da infância nos conteúdos midiáticos, e na compreensão do para que do acesso de determinados conteúdos para as crianças, se a real intencionalidade se trata de ocupar ou ensinar.

Sabe-se o quanto os programas infantis são significativos na infância, pois tornam-se em muitos momentos a companhia das crianças, enquanto os responsáveis estão em outras atividades; são estímulos para a imaginação e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, quando são assim pensados por seus produtores. Ao decorrer do processo de produção deste artigo, as ideias acerca desse tema modificaram-se, e o que iniciou enquanto uma visão nostálgica acerca de programas infantis de décadas passadas, levou ao reconhecimento de programas infantis atuais e de seus formatos que, mesmo diferentes aos citados da TV Cultura, trazem a mesma preocupação de juntar o lúdico e o fantasioso.

Dessa forma, compreende-se que esse artigo permitiu o desenvolvimento de novos olhares a respeito do fenômeno infância na contemporaneidade, permitindo que a sua constituição seja vista e entendida nas mais diversas situações contemporâneas, mais especificamente em relação a ambientes virtuais, programas infantis e programas infantis, ao misturar o fantasioso com o educativo, permitindo que a criança internalize a essência do que foi perpassado e exteriorize, se desenvolvendo enquanto ser-para-si.

Por fim, reitera-se a importância dessa análise das influências universais na constituição singular do Ser criança, e se possibilita fazer deste artigo um potencial amplificador de demais pesquisas acerca de aspectos contemporâneos e seus atravessamentos nas diversas singularidades existentes em nosso mundo. Sabe-se que este trabalho é apenas um olhar inicial para a temática e que a construção do mesmo nos trouxe a abertura de muitos outros possíveis, que ainda podem se transformar em uma continuidade ou em novos projetos que trazem em seu bojo o olhar cuidadoso para o fazer-se criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carla da Conceição; PORTO, Cristiane de Magalhães. **Com os Amigos Vão Surgir, Coisas para Descobrir! A Educação Ativa no Desenho Animado Ada Batista, Cientista.** EaD em Foco, [s. l.], v. 14, n. 1, e2371, 2024. Disponível em: https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2371.

ANDRADE, Leilane Lima Sena de; SCARELI, Giovana; ESTRELA, Laura Ramos. **As animações no processo educativo: um panorama da história da animação no Brasil.** In: VI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", 20 a 22 set. 2012, São Cristóvão, SE. Anais… São Cristóvão: Educon, 2012. p. 11. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_08/PDF/52.pd

BEZERRA, Larissa Rogério. **História do desenho animado e sua influência na formação infantil.** In: Encontro Cearense de História da Educação (ECHE), 11. Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação (ENHIME), 1. 2012, Fortaleza. Anais… Fortaleza: Imprece, 2012. p.1182-1195.

BOCCA, Marivania Cristina; SILVA. Claudinei Aparecido de Freitas; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **"Sartre e o duplo percurso de análise da realidade humana: psicanálise existencial e método progressivo-regressivo"**. PERI – Revista de Filosofia, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 1-17, 2020. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/peri/article/view/3388.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais.** In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). Mediação & midiatização. Salvador: EDUFBA, 2012.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.

Brasil. (2025, 17 de setembro). *Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025.* **Estatuto Digital da Criança e do Adolescente (ECA Digital)**. Presidência da República.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Programas educativos na TV: conteúdo pedagógico adequado à narrativa televisual e à fantasia, para uma programação infantil divertida e inteligente.** Comunicação & Educação, São Paulo, n. 15, p. 29-34, 1999.

BRASIL. Lei nº 12.485, de 12 de setembro de 2011. **Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 set. 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais.** 1.ª ed., Rio de Janeiro: Via Verita, 2011. ISBN 978-8564565036.

FERREIRA, Danielle Portella; GOMES JÚNIOR, Saint-Clair dos Santos; SANTANA, Nelbe Nesi. **A utilização de tecnologias de comunicação e informação durante a pandemia da Covid-19 por crianças e adolescentes com doença crônica e seus familiares.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, e350336, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73312025350336pt

FREIRE, Klessyo do Espirito Santo; COUTO, Fernanda Santos Reis; CARDOSO, Keilla Christina do nascimento. **A Clínica fenomenológico existencial infanto juvenil: uma revisão de literatura integrativa brasileira.** Phenomenology, Humanities and Sciences, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 112–119, 2023. DOI: 10.62506/phs.v4i2.112. Disponível em: https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/112.

FREITAS, Sylvia Mara Pires de. *Sartre, Psicologia de Grupo e Mediação Grupal*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) — **Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, 2018.

GASPARETTO, Paulo**. Comunicação, identidade e religião no processo de midiatização da sociedade.** Trabalho apresentado no **II Colóquio Semiótica das Mídias**, Japaratinga, AL, 2013.

GUIMARÃES, Lilia Katia Souza. **O pensamento existencialista em Paulo Freire e o processo de humanização do sujeito.** Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 36, p. 215-228, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização.** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Tradução de Marta Klimowicz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HOLZBACH, Ariane Diniz. **Para pequenos grandes espectadores: a produção televisiva brasileira direcionada a crianças pequenas a partir do caso da Galinha Pintadinha.** E-Compós, 21(2), 2018. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1390/1851.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo (Sp): Editora Atlas S.A, 2010.

LAZZAROTTO, Cleonice; BERNARDI, Luci dos Santos. **O "lugar" educação infantil: as infâncias e a contemporaneidade.** Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 59, p. 1-15, e13522, out./dez. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5585/eccos.n59.13522.

LEAL FILHO, Laurindo. **Percalços da TV pública: o caso da TV Cultura.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 233-244, dez. 2007.

MELO, Larissa Lima de; PIZZOL, Andrieli Dal. **Tecnologia e Peppa Pig no contexto infantil: poços de saberes ou prejuízos.** Revista InovaEduca Tech, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 15, 2025. DOI: 10.63103/ryje0b22. Disponível em: https://inovaeducatech.com.br/iet/article/view/22

MACHADO, Marina Marcondes. **A flor da vida – Sementeira para a fenomenologia da pequena infância.** São Paulo, 2007. 183 p. Doutorado em Educação (Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MATTAR, Cristine Monteiro. **Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia.** Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 76-87, jul./dez. 2010. DOI: 10.4013/4564.1

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

MENDES, Elzilaine Domingues. **Impasses na constituição do sujeito causados pelas tecnologias digitais. Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. Esp. 2, p. 1–10, 2020. DOI: 10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e8984. Disponível em: https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e8984.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes; SANTOS, Juliana Nunes; SANTOS, Lívia Rodrigues; GUEDES, Sabrina da Conceição; PEREIRA, Leiziane; COSTA, Josiane Martins; MORAIS, Rosane Luzia de Souza. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 3, p. 1127–1136, 2021.

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz; SOUZA, Gustavo José Assunção de. **Desenho animado e imaginário infantil de massa: narrativas, mito e mídias na mediação escolar**. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 14, e3772015, 2020. DOI: 10.14244/198271993772. Disponível em: https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3772.

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. **As super-heroínas em imagem e ação: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas**. 2009. Tese (programa de doutorado interdisciplinar em ciências humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade**. Porto Alegre: L&PM, 1973.

PRETTO, Zuleica. **A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história.** Psicologia &

Sociedade, v. 25, p. 623–630, 2013.

PRETTO, Zuleica. Como a psicologia existencialista pode ser transformadora nas/das infâncias? Caminhos da clínica existencialista para e com as crianças. In: Pretto, Z. Schneider, D.R. Strelow, M. Grigolo, T, M. (2022) **Psicoterapia Existencialista: princípios metodológicos** (101-115). Juruá.

ROCHA, Liana Vidigal; SILVA, Edna de Mello. **Quarenta anos de TV Cultura: a história da emissora de 1969 a 2009.** *In*: Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, 1., 2011, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2011.

SANTANA, M. I.; RUAS, M. A.; QUEIROZ, P. H. B. **O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil.** Revista Saúde em Foco, [s. l.], n. 14, p. 169-179, 2021. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2021/05/O-IMPACTO-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-CRESCIMENTO-E-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf

SARNO, Silvana Maria Grisi. **Infância na contemporaneidade: a significativa interação das crianças com webcelebridades**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 42, e242032, 2022. DOI: 10.1590/1982-3703003e242032. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/XqkhgVzsN3PdvW64WjrfJDG/

Sartre, J.-P. (2002). **Crítica da razão dialética: precedido de Questões de método** (G. J. F. Teixeira, Trad.). DP&A.

SILVA, Flávia Prado Domingos da. **Princípios Educomunicativos: Uma análise sobre a Série Infantil Cocoricó da TV Cultura de São Paulo.** *In*: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 14., 2009, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2009.

SILVA, Jefferson da. (2022). **Epistemologia Fenomenológico-Psicológica: Identidade Narrativa e Psicoterapia.** Phenomenology, Humanities and Sciences, 3(2), 75–83. https://doi.org/10.62506/phs.v3i2.136

SILVA, Paulo Roberto da. **O que significa dizer que a subjetividade é complexa? Reflexões sobre a constituição do sujeito na perspectiva da complexidade**. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 2022.

SILVA, Sávio Oliveira da. **O potencial educacional de o show da Luna: promovendo a educação científica na educação infantil.** Revista Transmutare, Curitiba, v. 10, e19891, p. 1-13, 2025. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/article/view/19891.

SILVA, Thiago Rodrigues da. **Da linguagem à memória: uma análise dos gêneros discursivos desenvolvidos na história da TV Cultura**. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018, São Paulo.

TOMAZ, Renata. **Infância e mídia: breve revisão dos estudos de mídia com crianças no Brasil**. *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 3, p. 250-287, 2016. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17592

TOKUO, Bianca Galván, DUTRA, Elza Maria do Socorro, & REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. (2018). **Modos de ser na era virtual: um olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial.** Psi Unisc, 3(1), 71–88. https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i1.1245.